

VICTOR ROBERTO CIACCO DA SILVA DIAS
E COLABORADORES

PSICOPATOLOGIA E PSICODINÂMICA
NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA

VOLUME VII



PSICOPATOLOGIA E PSICODINÂMICA NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA
Volume VII

Copyright © 2020 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Campos**
Capa: **Daniel Rampazzo/Casa de Ideias**
Produção editorial: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

UM CONSELHO, 7

APRESENTAÇÃO, 9

1. Teoria da programação cenestésica, 11
2. A fase cenestésica, 19
3. A fase psicológica e o conceito de identidade, 47
4. A identidade de gênero e os modelos preexistentes, 61
5. A psicoterapia virtual no enfoque da análise psicodramática, 71
6. Sentimentos corretivos e desejo de reconhecimento, 77
7. A defesa dissociativa e a crise associativa, 85
Virgínia de Araújo Silva
8. Angústia pós-traumática, 99

9. Átomo de crise e átomo familiar, 109
Claudio Samuelian
10. Psicoterapia infantil sob o enfoque da
análise psicodramática, 121
Milene Shimabuku S. Berto
11. Contexto dramático na psicoterapia infantil, 149
Katia Pareja

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 165

Um conselho

O essencial para se tornar um psicoterapeuta clínico – mesmo porque psicoterapeuta teórico é uma rematada utopia – é saber muito de psicodinâmica.

E psicodinâmica não se ensina, mas se aprende! Para aprender psicodinâmica, é necessário ler alguns poucos livros, porém é fundamental ler muitos clientes, isto é, ler nos clientes aquilo que se leu nos livros.

Portanto, se você quiser ser um bom psicoterapeuta, não se preocupe tanto com os livros, mas leia muitos, muitos, muitos... clientes!

Victor

Apresentação

Caro leitor,

Neste volume VII da série Psicopatologia e Psicodinâmica na Análise Psicodramática, escrito por mim e por alguns colaboradores, tanto revisamos temas antigos como apresentamos novos.

Nos Capítulos 1, 2 e 3, faço uma revisão resumida da teoria da programação cenestésica, base da análise psicodramática, que aparecia fragmentada nos diversos volumes já publicados desta coleção. No Capítulo 4, complemento a análise do desenvolvimento da identidade sexual, acrescentando a perspectiva genética atualizada do conceito de gênero e também a situação atual ligada à identidade sexual indefinida. No Capítulo 5, apresento uma primeira avaliação do atendimento virtual no contexto da análise psicodramática. No Capítulo 6, exponho o conceito de sentimentos corretivos, resultantes da quebra de expectativa de comportamento gerada pela ordem imaginada e ligados à angústia circunstancial. Amplio, ainda, o conceito de critérios

motivacionais da vida com o aspecto de vontade ligado ao desejo de reconhecimento do indivíduo por seus pares. No Capítulo 7, Virgínia de Araújo Silva sistematiza a eclosão e o tratamento da crise associativa derivada da resolução das defesas dissociativas. No Capítulo 8, discuto a abordagem psicoterápica e medicamentosa da angústia pós-traumática, assim como os possíveis desdobramentos desse tratamento na análise psicodramática. No Capítulo 9, Claudio Samuelian discute a aplicação do átomo de crise e do átomo familiar, com suas técnicas e indicações, inclusive a técnica da tribuna utilizada na psicoterapia bipessoal. No Capítulo 10, Milene Shimabuku Silva Berto apresenta uma sistematização da psicoterapia infantil utilizando, pela primeira vez, conceitos da análise psicodramática. E, por fim, no Capítulo 11, Katia Pareja apresenta a sistematização do contexto dramático do “como se”, que vem sendo usado na análise psicodramática, por meio da contraposição de área da brincadeira e de área séria.

Aproveito para agradecer a todos esses colaboradores e à minha secretária Karla, pela sempre providencial ajuda para a digitação e a organização deste texto.

Boa leitura!

Victor

1. Teoria da programação cenestésica

Em 1994, publiquei o livro *Análise psicodramática: teoria da programação cenestésica*, em que tratei pela primeira vez dessa teoria que criei. Desde então, tenho elaborado e expandido diversos de seus conceitos e concebido novos, em meus outros livros, o que dificultou a leitura da teoria como um todo. Por isso, resolvi apresentá-la na forma como está no momento, contínua e sinteticamente, com todas as suas inovações. Para entendê-la por completo, permanece importante a leitura do que já foi publicado, pois este resumo não traz os detalhes abordados nas outras obras.

A teoria da programação cenestésica é uma teoria do desenvolvimento psicológico dividida em duas etapas: a primeira diz respeito ao desenvolvimento cenestésico, que se inicia ainda na fase intrauterina e vai até 2,5 ou 3 anos, aproximadamente; a segunda, ao desenvolvimento psicológico, que vai dos 3 até os 17 ou 18 anos, mais ou menos, e que depois continua, de forma mais lenta, por toda a vida.

Esse nome foi escolhido pela similaridade com os computadores, os quais são dotados de um programa e de um enorme banco de dados. Cabe ao programa definir que tipo de tratamento computacional esses dados receberão. A fase ceneestésica funciona como o programa, e o psiquismo se estrutura de tal forma que influencia e define como serão vivenciadas, organizadas e atuadas pelo indivíduo as vivências posteriores, adquiridas na fase psicológica, a qual seria o “banco de dados”.

Antes de falar sobre o desenvolvimento psicológico, vamos tratar do poder computacional da matéria biológica e do local onde todo o desenvolvimento psicológico acontece: o cérebro.

O CÉREBRO HUMANO E O PODER COMPUTACIONAL DA MATÉRIA BIOLÓGICA

Podemos descrever o cérebro humano como um enorme computador biológico. A grande diferença entre ele e os computadores com *chips* de silício é a sua programação. O cérebro humano pode ser considerado *um computador que se autoprograma e se autocorrigue com a própria experiência. Mais ainda, ele se autoprograma à medida que vai sendo construído*. Esse enorme computador biológico é composto de 100 bilhões de neurônios, dos quais 20 bilhões estão localizados no córtex cerebral, que é a área mais evoluída quando comparada com o cérebro dos outros primatas.

Antes de continuar falando do cérebro, vamos falar do poder computacional da matéria biológica. *Poder computacional é a capacidade de reunir e processar operações lógicas*

elementares. Com base nesse conceito, é possível dizer que os próprios neurônios têm um poder computacional e que o cérebro humano é uma imensa rede formada por bilhões de pequenos computadores.

Indo mais fundo, verificamos que as próprias células, não apenas as células nervosas, apresentam poder computacional. Quando estudamos seres unicelulares – por exemplo, uma ameba ou um *Paramecium* –, verificamos que eles apresentam “comportamentos inteligentes”, tais como luta e fuga, procura de alimento e de proteção. Também observamos “comportamento inteligente” na formação de fusos mitóticos nos processos de divisão celular, mitose ou meiose.

Nas pesquisas em neurociência se descobriu que o citoesqueleto, composto de microtúbulos, não tem apenas uma função de sustentação da estrutura celular. Esses microtúbulos são formados de uma proteína chamada tubulina, que se apresenta em duas formas especulares, dímeros alfa e beta. A configuração desses dímeros depende da presença ou ausência de um *elétron* móvel, que se movimenta por *tunelamento entre as moléculas, produzindo uma carga elétrica negativa ou positiva*, caso esteja ou não presente nesses dipolos. Essa diferença de carga elétrica produz ondas que acabam por configurar um código binário do tipo +1, 0, -1. Tais ondas, por meio desse código, transmitem informações, as quais acabam por produzir um efeito computacional.

Tanto os filamentos do *Paramecium* como os fusos mitóticos são formados de microtúbulos de tubulina, *assim como os dendritos e o axônio dos neurônios*. Os bilhões de neurônios do corpo humano estão profundamente interligados em todos os componentes do sistema nervoso, como o cérebro, a medula espinal e os nervos, tanto sensitivos (aférentes) quanto motores